

# O TRÂNSITO QUE NOS ATRAVESSA: UM ESTUDO SOBRE A VIOLÊNCIA NO TRÂNSITO E SUA RELAÇÃO COM O INCONSCIENTE

## AUTORES

**Leandro Gomide LAPRANO**

**Rodrigo Toshihiro ARAI**

Discentes da União das Faculdades dos Grandes Lagos- UNILAGO

**Marcia Roberta de CARVALHO**

Docente da União das Faculdades dos Grandes Lagos - Unilago

## RESUMO

O presente trabalho buscou por meio de pesquisa bibliográfica e reflexões dos discentes compreender quais fatores inconscientes ocasionam a violência no trânsito e trazer uma compreensão maior acerca dos muitos acidentes ocorridos. Assim, considera-se este trabalho uma tentativa de lançar luz sobre um assunto tão renegado ainda nos dias atuais que é o inconsciente e o seu funcionamento. Analisando a violência no trânsito a partir da perspectiva Psicanalítica, buscou-se compreender as relações das pulsões e seus destinos com a violência e quais fenômenos inconscientes podem às vezes estar escondidos por detrás dos motivos que normalmente acredita-se terem sido os causadores dos acidentes. Tendo em vista que o mínimo deles podem ser considerados realmente acidentais do ponto de vista psicanalítico, e talvez, desta forma, chegar-se-á a uma melhor conscientização acerca de tais fenômenos, estando menos vulneráveis a sua ocorrência. Neste contexto, faz-se necessária tal investigação para melhor esclarecimento destes acontecimentos que acometem as pessoas, a fim de buscar possibilidades para evitar estar vulnerável ao inconsciente, reduzindo assim os acidentes de trânsito. Desta forma, será possível reconhecer a importância do tema para a sociedade e a necessidade de mais estudos sobre o assunto, tão pouco assimilado ainda e concluir que para que haja real mudança deve-se estudar e aplicar estes conhecimentos na esfera social.

## PALAVRAS - CHAVE

Violência; Trânsito; Psicanálise; Pulsão de morte.

## **1. INTRODUÇÃO**

Por que existe a violência no trânsito? O que podemos extrair da teoria psicanalítica para obter um melhor entendimento destes fenômenos e reduzir os acidentes provocados pela violência no trânsito? É sobre estas questões que discorrerá este artigo.

O entendimento de trânsito pelo Código de Trânsito Brasileiro (CTB) como “movimentação e imobilização de veículos, pessoas e animais nas vias terrestres” (CTB, 1997) prevê que o trânsito, em condições seguras, seja um direito de todos e também e consequentemente um dever, especialmente dos órgãos e entidades componentes do Sistema Nacional de Trânsito, cabendo a estes órgãos, no âmbito das respectivas competências, a adoção das medidas destinadas para assegurar esse direito (CTB, 1997).

Entretanto, mesmo com tal direito previsto e em tese assegurado, os acidentes de trânsito são uma das principais causas de óbito no Brasil, tornando-se assim um grande problema de Saúde Pública. E não somente isso se dá com casos de vítimas fatais, mas também com os casos em que as vítimas sobrevivem e, ficam muitas vezes, com sequelas, que podem prejudicar seriamente sua qualidade de vida no decorrer de suas existências.

Segundo estudo realizado pelo Ministério dos Transportes, Portos e Aviação (MTPA) 53,7% dos acidentes causados em rodovias Federais, ocorrem por negligência ou imprudência dos motoristas, seja por desrespeito às leis de trânsito (30,3%) ou por falta de atenção do condutor (23,4%). Este é o chamado “fator humano”. Ou seja, é nítido que o fator humano supera outros fatores, como falhas mecânicas ou problemas nas vias utilizadas, já deixando claro que os motoristas e profissionais de trânsito deveriam focar ainda mais na questão humana.

Para essa questão investigou-se acerca da violência presente no trânsito ademais de sua possível relação com o inconsciente e logo deparou-se com o seguinte questionamento: Existiria no inconsciente (de todo ser humano) alguma explicação para tais fenômenos e atitudes que muitas vezes atentam contra a sua própria vida? É possível dizer, pelo viés da Psicologia e mais especificamente pelo da Psicanálise, que sim, conforme será debatido neste trabalho.

Esta pesquisa constitui-se como uma breve investigação sobre a violência no trânsito e suas possíveis motivações, estas vindas do inconsciente em alguns casos. Segundo Freud (1996), no inconsciente operam forças distintas, impulsos de vida (Eros) e de morte (Thanatos). Um levando em direção à reprodução e sobrevivência e outro à destruição e à morte.

As pulsões, que serão melhor explicadas na parte de Discussão deste artigo, tiveram papel fundamental dentro do processo de desenvolvimento do homem, em seu caminhar em direção à cultura e à civilização, as quais coloca Freud (1996) como “a tudo que se refere a nossa elevação acima da condição animal e de seu estado de vida selvagem”.

Logo, tratar-se-á em alguns momentos, sobre as pulsões, já que na sociedade hodierna a satisfação das pulsões passou a ser direcionada na forma do ter e consumir. Vivemos como animais caçando na selva, porém sem as satisfações que isso gerava anteriormente. No entanto, essa nova “modalidade” de satisfação das pulsões, está tendo um custo muito alto para a humanidade, como ver-se-á com mais detalhes na perspectiva do trânsito.

Assim, ao longo deste artigo, abordar-se-ão estas questões, discutindo-as adequadamente, para depois, nas considerações finais, chegar-se a um posicionamento coerente e pertinente para tal problemática.

## **2. MÉTODO**

O presente trabalho de conclusão de curso de pós-graduação foi realizado a partir de ideias e de conclusões dos discentes, e também, o que foi de grande relevância, por meio de pesquisa bibliográfica. Utilizou-

se nomes importantes e já renomados como Sigmund Freud (1996, sua obra completa) e também trabalhos de novos pesquisadores, principalmente artigos, que chamaram a atenção positivamente por sua temática, atualidade e qualidade e, desta forma, ajudaram a embasar as subseqüentes questões debatidas e posteriormente, as conclusões obtidas sobre o tema em destaque.

Os artigos são os seguintes: “Mal estar nas ruas: psicanálise e violência no trânsito” (2017) de Anna Luiza Dantas Salim e Karla Patrícia Costa; “Suicídio inconsciente: reflexo do comportamento de risco no trânsito” (2016) de Damião da Conceição Araújo, Andreia Centenaro Vaez, José Antônio Barreto Alves, Fernanda Gomes de Magalhães Soares Pinheiro e Ricardo Fakhouri; e “Acidentes de trânsito e o novo Código de Trânsito Brasileiro em Cidade da Região Sul do Brasil” (1999) de Yara Gerber Lima Bastos, Selma Maffei de Andrade e Luiz Cordoni Júnior.

Também foi utilizada a excelente tese de doutorado de Aline Santos (2013), intitulada: “INCONSCIENTE E INSTINTO DE MORTE: um itinerário do debate inicial de Deleuze com a psicanálise”.

Com tais textos foi possível refletir melhor sobre o assunto e também amadurecer opiniões sobre a temática, conforme será esclarecido melhor na Discussão que segue do presente artigo.

### **3. DISCUSSÃO**

Para iniciar a discussão e reforçar argumentos apresentados na introdução, Costa e Salim (2017) colocam que:

O trânsito pode ser definido como a circulação de pessoas e veículos nas vias, mediada por regras e leis que visam garantir a integridade de seus participantes, implicando sempre na relação com a alteridade e seus inerentes conflitos na disputa pelo espaço (ROZESTRATEN, 1988; VASCONCELOS, 1982), podendo ser marcada pela violência enquanto manifestação da agressividade, em sua forma destrutiva, na relação com o outro (CANAVÊZ, 2013; COSTA, 2003), haja vista que há um conflito para saber quem terá primazia para ocupar o espaço, estando em jogo a satisfação pulsional, em outras palavras, o prazer e o desprazer. No Brasil, esse aspecto violento no trânsito se amplifica devido a acentuada estratificação social, que se manifesta como desigualdade de mobilidade e acessibilidade entre usuários de ônibus, carros, motocicletas, bicicletas e pedestres, na mentalidade individualista que é responsável pela predominância do transporte individual e pela relação ambígua com normas e leis (DA MATTA, 2010). Esse ethos brasileiro impacta diretamente no comportamento dos indivíduos e vice-versa, num movimento dialógico, não sendo possível dissociar a incivilidade e as ações praticadas por cada indivíduo de uma conjuntura social mais ampla.

Assim, o trânsito pode ser e é marcado pela violência. Quando se pensa no contexto de nossas cidades, estado e país, percebe-se que isso é real, algo mesmo, do cotidiano de todo cidadão, principalmente daqueles que vivem em grandes cidades, onde há mais acidentes e tráfego. Há um conflito pelo espaço, que pode ser amplificado por outras questões, como bem coloca Costa e Salim (2017) podendo ocorrer devido também e com destaque à estratificação social. Logo, pensa-se em como combater esse problema que gera violência.

Freud (1996) coloca que viver em sociedade implica perder em liberdade para ganhar em segurança, uma vez que os grupos sociais são construídos graças às restrições impostas à satisfação pulsional sexual e agressiva. Tais limitações geram frustrações que dominam as relações, sociais e, assim, em vez de sentir-se confortável em meio à civilização, o homem experiencia uma sensação de mal-estar. O trânsito deveria ser mais ligado à parte da segurança de que fala Freud, mas infelizmente, nota-se na realidade social, que ele não chega a ser seguro, devido a uma série de fatores, alguns dos quais, está tratando a presente discussão.

Questões referentes ao combate à violência no trânsito estão sempre presentes no dia-a-dia: seja na literatura de periódicos ou simplesmente em rotineiras e constantes campanhas de combate às infrações de trânsito veiculadas pela mídia virtual e/ou em *outdoors* espalhados pelas cidades. Estas mensagens são diversificadas quanto ao seu foco e à sua forma de conscientização: há aquelas de combate à imprudência com mensagens claras como: “Respeite a velocidade” e “Se beber, não dirija”, além de algumas que tentam conscientizar os cidadãos descrevendo estatísticas dos índices de acidentes atuais ademais de outras que utilizam da catarse por meio da dramaturgia com vídeos expondo os reais perigos resultantes da imprudência, para assim, atingir seus objetivos de divulgação e prevenção.

Segundo Bastos et al (1999): “A violência no trânsito é causada pela ação multifatorial de elementos culturais, econômicos e políticos, de difícil solução; por isso, o número de mortes por acidentes de trânsito vem crescendo muito no Brasil nas últimas décadas”. Ou seja, por serem causados por uma série de fatores, que englobam muitos problemas da população, em diferentes facetas, parece complicado e às vezes, até mesmo impossível, encontrar uma solução real e que seja aplicável à totalidade da sociedade brasileira.

Segundo Aline Sanches (2013):

[...] considerando que todas as pulsões comportam componentes agressivos, necessários à realização de sua finalidade, entende-se que na constituição psíquica de qualquer ser humano encontram-se pulsões que abrigam em si, simultaneamente, o aspecto sádico-ativo e o aspecto masoquista-passivo, ambos entendidos enquanto pulsões parciais complementares e fundamentais, também associados a outros pares de opostos, como masculinidade e feminilidade, fálico e castrado. (p. 28)

O ser humano é atravessado por essas energias (pulsões) que tendem a se viciar em um mesmo direcionamento em busca de sua satisfação e essa busca se estende para além do corpo humano de forma aumentada por meio dos ‘órgãos externos”, no caso o veículo que permite transitar grande quantidade dessa energia.

Para esclarecer melhor esta questão (da pulsão), Freud (1996) explica o conceito de pulsão (no original, *Trieb*) dizendo que esta (a pulsão) se encontra no ponto que podemos imaginar como sendo o limite entre o corpo e a psique, como uma força que tem sua origem no campo somático e que vai em direção à mente, e esta cria uma exigência de trabalho a ser satisfeita. O estímulo pulsional não trabalha a partir do mundo externo, na verdade, vem do interior do próprio organismo e necessita de formas diferentes para ser eliminado. Para melhor exemplificar, o conceito de pulsão, Freud (1996) se utiliza do conceito fisiológico de *estímulo* (Reiz) exemplificando-o com o esquema do arco reflexo no qual um estímulo proveniente do exterior atinge o tecido e é novamente compelido para fora mediante uma ação que leve ao afastamento do raio de ação do estímulo. Em essência, o estímulo fisiológico age em um único impacto e é neutralizado por uma só ação adequada; claramente tais impactos podem ser repetidos, mas isso não muda a compreensão do processo e das ações para eliminação do estímulo.

Ademais, na Psicanálise, no que se refere ao estudo das pulsões e de seus direcionamentos ou destinos, existe a diferenciação em dois tipos, sendo estas pulsões eróticas e de morte, ambas estariam em mistura, em fusões regulares, basicamente amalgamadas, porém disfunções também estariam sujeitas a ocorrer. Segundo Freud (1996) a mente é formada por forças em sintonia e em conflito constantes: as pulsões eróticas de vida e as pulsões de morte. A vida consistiria nas manifestações, no conflito e na interação entre as pulsões que se separam apenas para fins de estudo, devido à sua proximidade.

As pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação, são tidas como pulsões de vida, pois são conservadoras do eu: as primeiras mantendo o padrão de repetição, isto é, garantindo a continuidade do

organismo; as segundas, preservando o organismo da influência que desvia os fatores externos e garantindo a normalidade do caminho para a morte. Com relação especificamente à morte, significaria para o indivíduo que as pulsões destrutivas venceram, mas a reprodução representaria para ele a vitória de Eros. (Freud, p. 312).

Tudo o que o ser humano faz em sua vida está sujeito a estas influências inconscientes, de forma que se não houver consciência de tais forças passa-se a atuar de forma vulnerável ficando ainda mais suscetível a estas, podendo, a partir de um conflito interno, acabar chegando ao extremo de causar até mesmo a própria morte ou a de outro ou outros indivíduos.

A energia pulsional do homem direciona-se ao mundo externo, a fim de buscar satisfação. A sociedade atual que é capitalista, encontra-se desprovida de sentido em meio ao consumismo, a globalização e o individualismo crescente, geradores de objetivos que são determinados pela sua rentabilidade dentro do sistema vigente. Os objetos são criados e vendidos como ideologias que, porém, são apenas esquemas de consumo. Existe a necessidade clara de ressignificação e reestruturação dos princípios éticos e morais que ficaram esquecidos, sendo o trânsito e os problemas advindos de sua existência uma destas questões a serem reestruturadas.

Segundo Bastos et al (1999), uma solução possível para o problema do trânsito seria por meio de: “Melhorias na sinalização e aumento de visibilidade nos cruzamentos, bem como uma fiscalização eficiente, que possa coibir o excesso de velocidade e uso de álcool pelos motoristas, poderia reduzir o número de vítimas de todos os tipos de acidente de trânsito”.

Porém sabe-se que apenas isso, sem atenção aos fatores psicológicos não seria suficiente para sanar o problema, talvez, apenas atenuá-lo.

Seguindo esta ideia de buscar soluções, Araújo et al (2016) conclui que:

Os resultados encontrados sugerem a necessidade de praticar e fiscalizar as estratégias relacionadas à prevenção de acidentes de trânsito com foco na juventude universitária por constituírem os indivíduos que são vítimas frequentes de acidentes de trânsito, e intenciona que novas pesquisas sejam realizadas com a temática cuja finalidade é aumentar o arcabouço científico e as informações fornecidas aos profissionais da saúde, educação e segurança.

Olha-se desta vez, para os jovens, que são vistos como irresponsáveis no trânsito. Mas é interessante a ideia de que este assunto deve ser mais estudado, para assim ser melhor compreendido e logo, atenuado, se não resolvido.

E como Freud (1996) alerta não se deve fazer juízos de bem e mal, pois estas energias andam juntas e são igualmente essenciais à vida humana.

Pareceu pertinente citar também nesta discussão o fenômeno dos atos falhos ou parapraxias, que pode estar em relação direta com alguns acidentes de trânsito, porém, em um nível menos original como é a pulsão, sendo um mecanismo mais superficial e próximo da consciência.

As parapraxias ou atos falhos também estudados pela psicanálise são grandes causadores de incidentes (estes talvez não possamos nem mesmo chamar de acidentes) pois resultam de uma motivação diferente criada pelo próprio indivíduo que causa acidentes que envolvem também, além da questão pulsional sempre presente, correlações com os acidentes de uma forma diferente. No caso, os acidentes considerados mais leves, como aqueles sem pessoas feridas, e geralmente assegurados por uma boa empresa de seguros (logo, sem prejuízos financeiros). Estes ocasionam na consequência da perda de algum compromisso que o indivíduo, na verdade, tinha o desejo real e inconsciente outrora reprimido de não comparecer, estabelecendo-se assim o ato falho que na verdade conclui seu objetivo advindo do desejo inconsciente de não chegar ao lugar por algum outro motivo do

próprio indivíduo ocultado ou até mesmo em uma situação de sacrifício (eu troco esse acidente pela cura da doença de alguém por exemplo). Segundo Freud (1996):

A Interpretação das Parapraxias e dos Atos Fortuitos. – Constituiu um triunfo para a arte interpretativa da psicanálise conseguir demonstrar que certos atos mentais comuns de pessoas normais, para os quais ninguém havia até então buscado apresentar explicação psicológica, deveriam ser considerados sob o mesmo ângulo que os sintomas dos neuróticos, isto é, que tinham um significado, desconhecido do sujeito, mas capaz de ser facilmente descoberto pelos meios analíticos. Os fenômenos em causa eram eventos como o esquecimento temporário de palavras e nomes familiares e de efetuar tarefas prescritas, lapsos cotidianos de língua e de escrita, leituras erradas, perdas e colocações erradas de objetos, certos erros, exemplos de danos a si próprio aparentemente acidentais e, finalmente, movimentos habituais efetuados aparentemente sem intenção ou brincando, melodias murmuradas 'sem pensar' etc. Todos foram despidos de sua explicação fisiológica, se é que alguma fora um dia tentada, demonstrados como estritamente determinados e revelados como expressão de intenções suprimidas do sujeito ou como o resultado de um embate entre duas intenções, uma das quais era permanente ou temporariamente inconsciente.

Com isso, pode-se entender melhor o como e o porquê de tais acidentes ocorrerem. À luz da psicologia, fica perceptível que talvez seja preciso, provavelmente com urgência, de caminhos diferentes para que haja uma real diminuição dos acidentes de trânsito.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os seres humanos quando ingressam nesta vida passam a fazer parte de um “plano maior” e assim a participar de uma máquina que antes mesmo de terem nascido já estava funcionando e vinha sendo operada até aqui pelos seus antepassados. Ele pode então manter ou tentar modificar o mundo onde nasceu.

Este animal racional está no topo de tudo que veio construindo geração após geração e agora é a vez das novas gerações optarem por fazerem modificações nesta máquina, e espera-se que, modificações positivas. O trânsito, por conseguinte, faz parte de todo este mecanismo, e é inclusive de grande importância para o funcionamento do mundo atual (no qual busca-se rapidez), que foi criado e aperfeiçoado pelo ser humano.

Assim, percebe-se o tema como de importante discussão para a sociedade, pois esta poderia ser beneficiada com mais estudos sobre o assunto, já que se encontra tão pouco sobre a temática e o que o pouco que se vê é apenas algo quase inerte, quando a questão psicológica envolvida é claramente passível de uma investigação bem mais aprofundada.

Parte-se para a supressão da violência por meio da própria violência do estado contra si mesmos. As pessoas são diariamente vitimadas e atravessadas pelo outro e pelas consequências de seus impulsos mais violentos. Na carta intitulada “Por que a guerra?” (1933) em resposta a convite de Einstein para discutirem a temática, Freud teoriza que a força em forma de violência, antes o único meio de coerção existente, foi transmitida ao estado que a institui em forma de leis e sanções que o mesmo agora pode e deve aplicar contra todos dessa mesma sociedade que atravessem a linha de fronteira determinada agora, no caso regida pelas leis. É possível que com a ampliação desse sistema a violência possa ser melhor direcionada e aqueles considerados infratores, e que estes possam, por meio de prisões, multas, sanções, ou até mesmo, como vê-se em alguns países, (mesmo ainda hoje no século XXI) a pena de morte, pagarem por suas transgressões. Pouco se investe em opções distintas da violência, tais como penas alternativas e medidas educativas, o que faz com que se mantenha a ordem atual, pautada pela violência, tanto no trânsito como nas demais áreas em que age o ser humano.

Nota-se que as atitudes humanas são em grande parte regidas pelo inconsciente e mesmo situações que julgadas muitas vezes como acidentais também passaram por algum planejamento inconsciente. A emoção da velocidade é uma forma de dar vazão à Pulsão de morte. É uma forma de colocar pra fora os sentimentos que estão represados.

Assim, faz-se o tema relevante e atual discussão para a sociedade, pois esta poderia ser beneficiada com mais estudos sobre o assunto, já que é vitimada pelas consequências da violência no trânsito. E quanto tempo ter-se-á de esperar até que a paz seja estabelecida no trânsito assim como na civilização? É uma pergunta de difícil resposta.

Tais modificações psíquicas acompanham o desenvolvimento civilizacional e demandam a supressão dos instintos mais primevos em troca de uma vida social pacífica, com o fortalecimento do intelecto, estes passando a governar cada vez mais os instintos e a internalização de dos impulsos agressivos como Freud salienta com todas as suas consequentes vantagens e perigos.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Damião da Conceição; VAEZ, Andreia Centenaro; ALVES, et al. Suicídio inconsciente: reflexo do comportamento de risco no trânsito. **Revista de enfermagem UFPE on line**. ISSN: 1981-8963 DOI: 10.5205/reuol.9881-87554-1-EDSM1011201602, 2016.

BASTOS, Yara Gerber Lima; ANDRADE, Selma Maffei de; JUNIOR, Luiz Cordoni. **Acidentes de trânsito e o novo Código de Trânsito Brasileiro em Cidade da Região Sul do Brasil**. Inf. Epidemiol. Sus, Brasília , v. 8, n.2, p. 37-45, jun.1999. Disponível em <[http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010416731999000200005&lng=pt&nrm=iso](http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010416731999000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Data de acesso: 23 ago. 2019.

EINSTEIN, Albert; FREUD, Sigmund. **Por que a guerra?** 1933 Paris: Instituto Internacional para Cooperação Intelectual (Liga das Nações). 57 págs. (Trad. de Stuart Gilbert.)

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira/ Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Ana Freud; assistido por Alex Strachey e Alan Tyson, traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

MTPA. **Estudo aponta que mais de 50% dos acidentes de trânsito são causados por falhas humanas**. Ministério de Infraestrutura, 2018. Disponível em: <https://infraestrutura.gov.br/component/content/article/17-ultimas-noticias/7999-estudo-aponta-que-mais-de-50-dos-acidentes-de-trânsito-são-causados-por-falhas-humanas.html> Data de acesso: 25 ago. 2019.

SALIM, Anna Luiza Dantas; COSTA, Karla Patrícia. Mal estar nas ruas: psicanálise e violência no trânsito. ECOS | **Estudos Contemporâneos da Subjetividade** | Ano 8 | Volume 1, 2017

SANCHES, Aline. **INCONSCIENTE E INSTINTO DE MORTE: um itinerário do debate inicial de Deleuze com a psicanálise**. Tese de doutorado. São Paulo: Ufscar, 2013.